

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO - MEN
ESTÁGIO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I – 7001
PROFESSORA DRA. ISABEL DE O. E SILVA MONGUILHOTT

RELATÓRIO DE ESTÁGIO: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL
II

LAIANA ABDALA MARTINS

FLORIANÓPOLIS, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO - MEN
ESTÁGIO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA I – 7001
PROFESSORA DRA. ISABEL DE O. E SILVA MONGUILHOTT

ACADÊMICA LAIANA ABDALA MARTINS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL

II

Relatório de Estágio de Docência apresentado ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

AGRADECIMENTOS

À professora Isabel Monguilhott, pela sua ética e profissionalismo, por ter me orientado neste projeto e me preparado com seus conselhos para essa nova experiência da minha vida acadêmica; à equipe da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, por abrir suas portas aos estagiários; à professora regente da turma na qual executei meu estágio, Ângela Beirith, pela ajuda prestada e por ter me recebido tão bem em sua sala de aula; aos alunos da turma 61 que me receberam muito carinhosamente, e às amigas Jéssica Rassweiler, Erika da Silva Costa Agnellino e Daniela Cristina da Silva que se solidarizaram comigo pela minha condição de encarar o estágio sozinha, enquanto o restante da turma estava agrupado em duplas, me ajudando com conversas agradáveis e sempre reforçando o fato de que eu poderia contar com elas. Meu muito obrigada a todos vocês!

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	6
2.	TRABALHO DA DOCÊNCIA.....	7
2.1	A ESCOLA	7
2.1.1	HISTÓRIA	7
2.1.2	ESPAÇO ESCOLAR.....	8
2.1.3	PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO.....	8
2.1.4	A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	9
2.2	A TURMA	9
2.3	RELATO DAS AULAS OBSERVADAS E REFLEXÃO CRÍTICA	10
2.3.1	PRIMEIRO DIA – 4/4, QUINTA FEIRA (2 AULAS).....	10
2.3.2	SEGUNDO DIA – 5/4, SEXTA-FEIRA (2 AULAS).....	11
2.3.3	TERCEIRO DIA – 11/4, QUINTA-FEIRA (2 AULAS)	12
2.3.4	QUARTO DIA – 12/4, SEXTA-FEIRA (2 AULAS)	13
2.3.5	QUINTO DIA – 19/4, SEXTA-FEIRA (2 AULAS).....	14
2.3.6	REFLEXÃO CRÍTICA	16
2.4	PROJETO DE DOCÊNCIA	17
2.4.1	INTRODUÇÃO.....	17
2.4.2	ESCOLHA DO TEMA.....	17
2.4.3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	18
2.4.4	OBJETIVOS.....	20
2.4.5	METODOLOGIA.....	20
2.4.6	RECURSOS NECESSÁRIOS.....	21
2.4.7	AValiação	22
2.4.8	PLANOS DE AULA	22
2.5	PROJETO EXTRACLASSE	29

2.5.1	INTRODUÇÃO.....	29
2.5.2	JUSTIFICATIVA.....	30
2.5.3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	30
2.5.4	OBJETIVOS.....	31
2.5.5	METODOLOGIA.....	32
2.5.6	RECURSOS.....	33
2.5.7	AVALIAÇÃO.....	34
2.6	RELATOS.....	34
2.6.1	DOCÊNCIA.....	34
2.6.2	EXTRACLASSE.....	38
2.7	COMENTÁRIO SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS.....	39
3.	ENSAIO.....	40
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5.	REFERÊNCIAS.....	41
6.	ANEXOS.....	42

1. INTRODUÇÃO

Como etapa final do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina, os estudantes que optaram pela formação em licenciatura devem passar pela etapa de estágio (ANEXO 1). Essa etapa conta com duas fases: a primeira é o período de observação das aulas de Língua Portuguesa na turma escolhida (ANEXO 2), e a segunda fase é o momento no qual aplicamos um projeto, construído com base nas observações da primeira etapa.

Essa última etapa da formação de um professor é crucial para seu futuro em sala de aula, pois é o estágio que nos dá uma visão especial do ambiente escolar. Esse momento final do curso é extremamente importante para a nossa construção profissional. Além disso, é nele em que colocamos todo o conhecimento adquirido nos quatro anos da faculdade em prática.

A Universidade Federal de Santa Catarina possui vínculo com algumas escolas da grande Florianópolis, sejam elas municipais, estaduais ou federais como é o caso do Colégio de Aplicação da UFSC. Para executar o projeto de docência, escolhi a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito (ANEXO 3), localizada no bairro Pantanal, no município de Florianópolis.

Eu já conhecia a escola, pois, como parte da disciplina de Metodologia do Ensino, minha turma da oitava fase e eu visitamos a escola, juntamente com nossa professora de estágio, e conversamos com a orientadora pedagógica da escola, Márcia Bressan Carminati, e com as professoras de Língua Portuguesa Gabriela Schebela, professora substituta admitida no início do ano letivo de 2013, e Ângela Beirith, professora efetiva. A orientadora nos explicou, ainda que superficialmente, a dinâmica do colégio, fazendo um paralelo com o Projeto Político-Pedagógico da escola, que, segundo ela, está passando por revisões. Sua fala foi pautada no projeto que a escola desenvolve há 10 anos em parceria com a autora do livro didático que a escola adota, Terezinha Bertin. Ela nos disse que, duas vezes ao ano, Terezinha vai à escola ministrar um curso de formação continuada para os professores. Esse fato me chamou atenção e fiquei curiosa para participar, assim como os outros alunos que estavam ali.

A turma escolhida para executar meu projeto de docência foi o 6º ano do período matutino (na escola chama-se turma 61), da professora Ângela. Durante o período de

observação das aulas, visitei a biblioteca diversas vezes, bati fotos da escola e, também, participei dos recreios da turma, a fim de me socializar com eles. Além disso, aproveitei para conversar com os alunos sobre o que gostavam de ler e de escrever, para, assim, poder pensar no meu projeto de docência.

A partir desses momentos – a observação das aulas, a conversa informal com os alunos, a consulta do PPP da escola –, elaborei um projeto de docência que fosse ao encontro das necessidades dos alunos e, também, das escolas. Entre um período e outro, afastei-me da escola para poder elaborar o projeto da melhor maneira possível e, em seguida, voltei para aplicá-lo. Todos esses momentos, incluindo a experiência no projeto extraclasse, encontram-se aqui relatados.

2. TRABALHO DA DOCÊNCIA

2.1 A ESCOLA

2.1.1 HISTÓRIA

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito completa neste ano, 50 anos de fundação. Ela não tem uma data exata de fundação, mas em 1963 foi inaugurado o Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito – onde hoje é o Centro Comunitário do Pantanal – por isso a escola também comemora essa data.

O Grupo Escolar foi criado devido à necessidade de renovação do quadro educacional do bairro Pantanal, já que, no início da década de 60, foi fundada a Universidade Federal de Santa Catarina e, também, instalada a sede administrativa da ELETROSUL – Centrais Elétricas S/A. Assim, novos moradores, dentre funcionários, professores e estudantes, instalaram-se no Pantanal, mudando o perfil socioeconômico dessa comunidade.

Para atender à grande demanda e ter como manter no bairro os alunos de modo que continuassem seus estudos, em 1986 o grupo foi transformado em escola básica, tendo, assim, da quinta à oitava série.

Em 1991, foi criada a APP – Associação de Pais e Professores – e, também, o grêmio estudantil.

2.1.2 ESPAÇO ESCOLAR

A escola possui doze salas de aula, duas quadras poliesportivas, sendo uma fechada e uma aberta, uma biblioteca, banheiros, um auditório, uma sala multiuso, um refeitório, uma sala de professores, uma de coordenação, uma de direção, uma secretaria, uma sala de professores, uma sala de espera e uma de apoio. O número de alunos não é certo, mas estima-se que tenha cerca de quinhentos alunos.

O quadro de funcionários da escola é composto por doze professores que atuam nos anos iniciais, nove que atuam nos anos finais, dois que atuam nos dois e mais vinte e três professores de apoio pedagógico/administrativo. Os demais funcionários, como os seguranças, as merendeiras e as auxiliares de limpeza são terceirizados.

2.1.3 PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

O PPP da E. B. M. Beatriz de Souza Brito não está definido. Segundo a orientadora pedagógica, Stela Bardin, há muitas partes inacabadas e o objetivo é que neste ano o PPP da escola seja finalizado.

Sabe-se, porém, que a escola tem como proposta pedagógica o desenvolvimento de um projeto focado na importância da leitura/escrita nas diferentes áreas do saber. Desde 2004, a escola recebe, duas vezes por ano, a escritora e consultora, Terezinha Bertin, autora do livro didático escolhido para as aulas de Língua Portuguesa, da Editora Ática. Ela comparece à escola para desenvolver com os professores uma formação continuada, sob o nome de “Ler e Escrever: um compromisso da escola, compromisso de todas as áreas”, sempre focando no desenvolvimento da linguagem, oral e escrita. No referencial teórico-metodológico do PPP da escola, como primeiro parágrafo, vê-se:

Assumir a palavra é condição de cidadania. O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, é condição de maior participação social. Pela

linguagem os indivíduos se comunicam, acessam a informação, defendem e partilham visões de mundo, produzem cultura.¹

Pode-se dizer, também, que a formação continuada de professores, juntamente com a preocupação do ensino de leitura e escrita, constitui-se um dos elementos da proposta pedagógica da escola.

No PPP, há, também, uma referência ao compromisso que a escola tem de desenvolver e sistematizar um currículo que, de fato, expresse o compromisso que todas as áreas do saber deve ter com a leitura e a escrita. Esse desafio vem desde 2011, com a entrada do atual diretor, e estende-se até o final deste ano, quando haverá nova eleição.

2.1.4 A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA

A professora Ângela Beirith leciona Língua Portuguesa na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito para as turmas 61, 62, 72 e 83. Ela trabalha em regime de 40 horas semanais, sendo que só metade dessas horas ela está em sala de aula, a outra metade ela desenvolve trabalhos de reforço com os alunos que necessitam.

Formada em 1987, pela Universidade Federal de Santa Catarina, é pós-graduada em educação e possui mestrado, cuja pesquisa era sobre a história do ensino da leitura no município de Florianópolis.

2.2 A TURMA

A turma é composta por trinta e quatro alunos, em idade de onze a treze anos. É uma turma muito ativa, comprometida e, muitas vezes, interessada nas atividades. Percebi, durante o período de observação, que os alunos, nas aulas das sextas-feiras, rendiam pouco ou quase nada. A professora regente da turma me alertou para esse fato, pois em breve começaria o estágio de docência.

Os alunos se entendiam bem e nunca presenciei uma briga entre eles. É uma turma unida, talvez pelo fato de estarem juntos há muitos anos, na mesma escola. Gostei muito desse fato, pois se eu propusesse uma atividade em grupo não enfrentaria muitos problemas.

¹ <<http://escolabeatrizdesouzabrito.blogspot.com.br/p/fundamentos.html>>

Percebi alguns alunos desinteressados nas aulas e isso era constante, do início ao fim da observação. Percebi, também, que, talvez por serem crianças, quando um aluno queria bagunçar, chamar atenção, ele conseguia distrair todos os outros alunos e gerava confusão, desandando a aula.

No mais, é uma turma com vontade de aprender, são curiosos e, na maioria das vezes, dispostos. Os alunos são carinhosos, todos falavam comigo no início e no fim das aulas, e alguns iam até a sala dos professores para me acompanhar até a sala de aula. Foi muito legal criar esse laço com eles antes de começar a dar as aulas, pois me ajudou a pensar em um projeto de docência que tivesse mais a ver com eles.

2.3 RELATO DAS AULAS OBSERVADAS E REFLEXÃO CRÍTICA

2.3.1 PRIMEIRO DIA – 4/4, QUINTA FEIRA (2 AULAS)

Cheguei à escola por volta das 8:00 h. Após verificar onde era a sala que eu passaria a frequentar a partir daquele dia, me dirigi à sala dos professores a procura da professora Ângela para que ela pudesse assinar o meu registro de estágio. Ao terminarmos, fui andar, um pouco, pela escola, até que desse o horário.

Às 8:30 nos encontramos no hall de entrada da escola e seguimos juntas para a sala. Logo no início da aula, a professora me apresentou aos alunos e pediu a eles que fossem gentis comigo, pois eu estava ali para ter uma experiência como professora, pela qual eu tinha o dever de passar antes de me formar. Ao fim, ela disse que gostaria que eles cooperassem comigo, pois nossa sociedade está precisando de professores.

Escolhi uma carteira no fundo da sala e sentei-me. A professora Ângela começou a aula lembrando-os de que na aula seguinte começariam as apresentações do trabalho sobre conto popular (ANEXO 4). Um grupo se manifestou dizendo que a leitura do conto escolhido ainda não havia sido feita, outro grupo perguntou à professora se havia a possibilidade de uma de suas integrantes mudar de grupo, pois ela não havia participado da confecção do trabalho. A professora, então, tentou encontrar saídas para esses eventuais problemas que foram surgindo e conseguiu saná-los. Ela, enfim, repassou o cronograma de apresentações e fez a chamada.

Por causa da chuva, nove alunos faltaram à aula. A professora me disse que é porque muitos deles moram em morros e, quando a chuva é muito forte, as pessoas não conseguem descê-los.

Ângela devolveu aos alunos uma atividade valendo nota que eles haviam feito em sala de aula, a qual contemplava o uso do parágrafo, da pontuação (vírgula, dois pontos, ponto final, ponto de exclamação, etc) e do travessão e, ainda, que avaliava a ortografia. Grande parte dos alunos obteve êxito no uso da pontuação, mas teve dificuldade em separar os parágrafos e até mesmo em saber em que situação usá-los.

Após a devolução ela os orientou a trazerem a atividade assinada pelos pais ou responsáveis na próxima aula de português. Segundo as regras da escola, toda atividade que vale nota deve ser assinada pelos responsáveis e devolvida à professora para que ela possa fazer o registro das notas. O aluno que não apresenta a atividade assinada corre o risco de ficar sem a nota da mesma, interferindo, assim, na sua média final.

Para fazerem a correção juntos, a professora pediu a duas alunas que escrevessem a resposta no quadro negro. Enquanto elas escreviam, a professora pediu aos demais que abrissem o livro de português na página 41 (ANEXO 5, atividade oral). Ela fez a primeira leitura dos quadrinhos e, em seguida, elegeu dois alunos para lerem também, cada um lendo a fala de uma personagem. Uma menina quis ser a Helga e um menino, o Hagar. A turma inteira se animou e todos quiseram participar. Cada vez a professora escolhia uma dupla para fazer a leitura, até que todos participassem.

Em seguida, a professora voltou à atividade anterior – aquela em que as meninas foram ao quadro escrever – e corrigiu junto com os alunos.

No fim da aula, duas moças que trabalham no posto de saúde do bairro, pediram licença, junto com a orientadora pedagógica, Stela, para divulgarem a campanha de combate à tuberculose.

Após os recados, a professora liberou os alunos para o recreio.

2.3.2 SEGUNDO DIA – 5/4, SEXTA-FEIRA (2 AULAS)

Nesse dia, começaram as apresentações dos contos populares. Três grupos estavam marcados para esse dia: Maria Cristina e Douglas, com o conto “Negócio de

menino”; Dauana, Sacha, Jemerson e Ana Lúcia, apresentando o conto “Quem disse que lobisomem não existe?”, e Leonardo e João, que escolheram o conto “O moço que não queria morrer”.

O último grupo não se apresentou, pois não havia se organizado para fazê-lo. A professora marcou outra data para eles. A aluna Maria Cristina apresentou sozinha, pois o aluno Douglas estava doente e não foi à aula. Mesmo assim, a professora Ângela disse que daria uma segunda chance a eles, mas que se ela quisesse apresentar naquele dia, poderia.

O segundo grupo se apresentou e percebi que leram o conto, apesar de que ocorreram alguns erros na apresentação, por falta de ensaio. A aluna Dauana comandou o trabalho e o grupo: se encarregou de pesquisar o vocabulário do conto, o significado das palavras desconhecidas, e tinha cada uma delas na ponta da língua, mas o restante do grupo não sabia.

A professora teve que interromper a apresentação algumas vezes para chamar atenção do restante do grupo, que insistia em conversar.

Ao fim da apresentação, a professora destacou alguns pontos positivos e outros negativos do trabalho, deu algumas dicas para os próximos grupos, escreveu no quadro que eles deveriam fazer uma tarefa para a próxima aula (ANEXO 6, atividade escrita) e os dispensou.

2.3.3 TERCEIRO DIA – 11/4, QUINTA-FEIRA (2 AULAS)

Cheguei à escola oito e meia em ponto. A professora Ângela não estava na sala. Os alunos estavam muito exaltados, pois a professora não estava e coube a mim acalmá-los. Eles queriam sair a todo custo e quanto mais o tempo passava mais eles ficavam ansiosos. Consegui que grande parte da turma se acalmasse e sentasse em seus lugares. Deixei que conversassem entre si, mas em voz baixa.

A professora Ângela chegou cerca de quarenta minutos depois, após eu pedir a uma das alunas que fosse procurá-la, pois estava ficando preocupada. Quando ela chegou me disse que havia se enganado com os horários e estava dando aula de reforço. Pediu desculpas a mim e aos alunos e começou a aula.

Uma aula havia se passado com toda essa confusão. Ela pediu aos alunos para que se sentassem nos seus lugares e abrissem o livro para corrigirem a tarefa que ela havia pedido na semana anterior. Muitos não fizeram a tarefa e alguns não tinham levado o livro. Estes se sentaram com os que levaram o livro, enquanto aqueles deveriam fazer naquele momento, junto com a correção.

Os alunos interagiram muito bem com a professora, alguns estavam em conversas paralelas, mas no geral a turma acompanhou a correção. A professora pediu a alguns alunos que socializassem as suas respostas.

Enquanto isso, a pedido da professora, eu montei um painel (ANEXO 7) no qual continha as informações para a atividade seguinte (ANEXO 8, atividade oral e atividade escrita). Essa atividade consistia em observar a pintura, discutir com os colegas e elaborar, individualmente, um conto sobre a situação exposta na pintura.

Os minutos que se seguiram serviram para que os alunos iniciassem o processo de facção do conto, sempre sendo auxiliados pela professora. À medida que os alunos faziam, a professora passava de carteira em carteira para ler.

No fim da aula, todos entregaram, mesmo os que não haviam terminado, à professora. Ela se despediu e os liberou para o recreio.

2.3.4 QUARTO DIA – 12/4, SEXTA-FEIRA (2 AULAS)

A professora iniciou a aula retomando a apresentação da semana anterior: o conto “Quem disse que lobisomem não existe?” que ficou com os alunos Dauana, Sacha, Ana Lúcia e Jemerson.

Na ocasião, eles não haviam falado sobre o tempo, o espaço e o tipo de narrador da história, então a professora aproveitou os minutos iniciais para perguntar a eles sobre esses elementos do conto. Foi consenso no grupo que o tempo da história era indeterminado, principalmente, por ser um conto popular, que passa de geração em geração e por várias culturas.

Após essa retomada, Maria Cristina e Douglas se organizaram, arrumaram os fantoches e iniciaram sua apresentação (ANEXO 9). Na primeira vez, os dois alunos haviam se esquecido de mexer os fantoches, por isso a professora pediu a eles que

lessem o conto novamente, já que ele era bem curto. Repetiram e, aí sim, se lembraram de mexer os fantoches. O restante do grupo aplaudiu a apresentação e eles voltaram aos seus lugares.

A apresentação seguinte foi das alunas Rafaela Silva, Flávia, Marina e Caroline (ANEXO 10). O conto apresentado foi “A princesa da lua”, do livro “Histórias do Japão”, por isso elas se caracterizaram como japonesas, fizeram coque no cabelo e colocaram um adorno típico das mulheres do Japão. Elas mostraram domínio da história e apresentaram muito bem, demonstrando preparação. A aluna Caroline, que ficou responsável por ler a parte do narrador, fez sua leitura em voz muito baixa e dificultou bastante o nosso entendimento e o acompanhamento da história. A professora chamou sua atenção diversas vezes, mas pouco resolveu.

No fim da apresentação, a Ângela pediu às meninas que contassem o enredo da história com suas próprias palavras. Desse modo, conseguimos compreender a história. Elas também leram o cartaz que haviam feito no qual continha a pesquisa do vocabulário. A professora perguntou sobre os outros elementos do conto, como o tempo, o tipo de narrador e os personagens da história. O grupo aplaudiu as meninas e a professora agradeceu.

O terceiro e último grupo desse dia, apresentou o conto “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colasanti. O grupo era formado pelas alunas Iara, Larissa e Paloma (ANEXO 11). Elas dividiram as falas e cada uma leu um trecho. Mostraram entrosamento e conhecimento da história, todas leram muito bem. As meninas se preocuparam em fazer cartazes: um de apresentação do conto (ANEXO 12), um do vocabulário (ANEXO 13) e um dos elementos da narrativa (ANEXO 14).

A professora Ângela agradeceu aos grupos que se apresentaram e falou aos próximos grupos que se organizassem para que nenhum chegasse à escola sem o trabalho feito. Despediu-se e liberou os alunos.

2.3.5 QUINTO DIA – 19/4, SEXTA-FEIRA (2 AULAS)

Esse foi meu último dia de observação. Escolhi a sexta, pois era continuação das apresentações e eu gostaria muito de continuar a vê-las. Como eu havia tirado fotos de

todas as apresentações anteriores, os alunos pediam que eu tirasse fotos quando chegasse a vez deles. Além disso, nesse dia eu aplicaria um questionário (ANEXO 15), a fim de conhecê-los melhor.

Entrei na sala antes da professora Ângela, pois ela e todos os outros professores estavam em uma reunião com o diretor da escola. Na semana seguinte, os professores da PMF fariam um dia de paralisação, reivindicando, entre outras coisas, a data base da categoria.

Aproveitei o tempo inicial para aplicar o questionário. Pedi aos alunos que se sentassem para responder as perguntas do questionário. Muitos ficaram receosos, outros pediram para que eu não lesse a resposta. Outros, ainda, acharam que valia nota. Os que estavam em sala de aula responderam, mas havia um grupo se arrumando para a sua apresentação e alguns meninos estavam na sala da direção, por conta de uma confusão que houve no recreio.

Quando a professora chegou, eles ainda estavam respondendo o questionário, então ela aproveitou esse tempo para fazer a chamada. Após todos os alunos terminarem, recolhi os questionários e organizamos a sala de aula para as apresentações dos trabalhos. Ainda esperamos algum tempo até que o primeiro grupo estivesse organizado e caracterizado, por isso, nesse dia, tivemos somente uma apresentação.

O conto apresentado foi “Os três vestidos da princesa”. O grupo era formado pelas alunas Amanda, Maria Eduarda, Rúbia e Rafaela Sabino (ANEXO 16). Foi uma apresentação muito legal, mas cansativa, pois o conto era grande. Elas não conseguiram terminar a apresentação e a professora Ângela pediu que elas terminassem no próximo dia de apresentações. Mesmo assim, demonstraram entendimento da história e entrosamento. Levaram roupas e maquiagens para montar o figurino. A professora Ângela auxiliou uma das alunas, pois ela havia ficado com dois personagens, o homem e a velha, e sempre precisava trocar de roupa (ANEXO 17).

Quando faltavam dez minutos para o término da aula, a professora pediu ao grupo para terminar na aula seguinte, pois ela precisava dar um recado aos alunos e se despedir. A professora distribuiu um bilhete da direção aos alunos, o qual dizia que na terça da semana seguinte haveria paralisação dos professores das redes estadual e municipal.

Desejou um bom final de semana aos alunos e os liberou.

2.3.6 REFLEXÃO CRÍTICA

O período em que me dediquei ao estágio de observação foi extremamente relevante e enriquecedor para a minha experiência como graduanda de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas e como uma futura professora da área. Todos que mantive contato na escola me apoiaram e foram muito gentis comigo, principalmente os alunos da turma 61 e a professora Ângela.

O trabalho que a professora Ângela desenvolve em sala de aula muito me fez refletir sobre, pois percebi o quanto o ensino da língua tem mudado. Sabe-se que não são em todas as instituições, algumas mais conservadoras tendem a manter o ensino da gramática bem fechado, estruturado e sistematizado. A pedagogia que a professora exerce em sala de aula compreende práticas de leitura e escrita, isto é, produção e leitura de textos. A análise linguística aparece, ainda que pouco, em suas aulas. Ela vem muito mais imbricada na exploração do texto como tal do que exposta. Em outras palavras, quando surge a oportunidade de falar sobre a gramática da língua (por exemplo, quando surge um verbo conjugado na terceira pessoa do singular no pretérito mais-que-perfeito), a professora o faz, mas não se atém a esse aspecto e logo volta à leitura textual. Por isso, é certo dizer que o tripé produção e leitura de textos mais análise linguística não é totalmente mantido pela professora.

Em uma conversa informal, ela me disse que, no começo da sua carreira, já havia trabalhado mais com a análise linguística, porém, depois, com a mudança da prática pedagógica no ensino da língua, ela também havia mudado suas aulas e chegou até a esquecer a gramática. Agora, porém, ela tem retomado, mas não de maneira explícita. O ensino da gramática, feito pela professora, não é sistemático e não há “uma aula de gramática”.

Das dez aulas assistidas nesse período, seis aulas foram apresentações de trabalhos sobre contos populares. Os dias das apresentações eram às sextas-feiras, deixando às quintas-feiras livres para outras atividades, sendo elas de produção escrita e/ou de produção oral.

Foi, também, possível observar que a turma, apesar de agitada, é bastante produtiva e inteligente. É um grupo que gosta de ler e escrever, sempre se empenhando

nas produções que a professora pede. Além disso, alguns, fora da hora da aula, pedem sugestões de livros e têm o costume de ir à biblioteca.

2.4 PROJETO DE DOCÊNCIA

2.4.1 INTRODUÇÃO

O projeto aqui apresentado faz parte da preparação para o início do estágio de docência. Ele é que norteará todas as minhas aulas, atividades e avaliações propostas. Este foi pensado para uma turma do 6º ano do ensino fundamental II, da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito. A escolha da turma se deu no começo do semestre letivo, quando nos foram apresentadas algumas séries disponíveis da E. B. M. Beatriz de Souza Brito e do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. Além disso, este projeto foi elaborado no decorrer do período de observação, atendendo às necessidades dos alunos e, também, por perceber que as histórias em quadrinhos são contempladas nos livros didáticos, basicamente, em momentos de interpretação textual, nunca com uma seção dedicada a elas.

2.4.2 ESCOLHA DO TEMA

A escolha do tema aconteceu em consequência de um interesse meu em conjunto com o dos alunos. Sempre fui fã de histórias em quadrinhos, desde pequena leio gibis, revistinhas e até adaptações de clássicos, e gosto de pesquisar sobre esse gênero. Quando a professora regente da turma disse que estava ao meu critério o tema das minhas aulas, propus a ela – pedindo, também, sugestões, conselhos, etc. – as histórias em quadrinhos. Ela, prontamente, disse que seria muito interessante, pois esse é um conteúdo que os alunos não têm nos livros didáticos que utilizam.

Além disso, durante o período de observação, a professora fez algumas atividades de interpretação de texto retiradas do livro didático e essas atividades continham HQ's. Percebi o quanto eles gostavam de ler e falar sobre essas historinhas.

Em conversas informais, perguntei aos alunos o que eles gostavam de ler e os gibis apareciam incansavelmente nas respostas.

Resolvi, então, aliar o meu gosto ao deles, e como o tempo da minha docência será curto acredito que a história em quadrinhos será um conteúdo tranquilo e gostoso de trabalhar.

2.4.3 REFERENCIAL TEÓRICO

Desde muitos anos, o ensino da Língua Portuguesa, como língua materna, vem passando por inúmeras e intermináveis discussões, sempre com o intuito de melhorá-lo, aperfeiçoá-lo cada vez mais. O ponto principal dessas discussões foi e tem sido o ensino/prática da leitura e escrita. Diante disso, não faltam autores, escritores, linguistas escrevendo e discutindo sobre como explorar e sanar esses problemas tão sérios que fazem com que cada vez mais alunos repitam o ano. Esses problemas estão diretamente ligados à dificuldade que a escola passa em ensinar a ler e a escrever.

Diante disso, tomo como base o ideário sócio-histórico-cultural de Mikhail Bakhtin que pensa no sujeito e no seu interlocutor como interligados, interconectados. Bakhtin propõe uma concepção *dialógica* da linguagem, onde interior e exterior não são dicotômicos, mas dialéticos: se relacionam e se complementam; a relação *eu-outro* é essencial na composição dos sujeitos, pois são seres sociais e históricos que se constituem na alteridade, isto é, constituem-se na relação porque o *outro*, ao interagir com o *eu*, atua sempre como uma medida ou uma opinião que é exterior ao mesmo *eu*. A linguagem e as atividades humanas instituem-se reciprocamente.

O conceito de alteridade é um dos mais significantes do ideário bakhtiniano. Ele é essencial para que entendamos vários outros conceitos, como o de dialogismo e o de enunciado. Pois é na alteridade, na nossa relação dialógica com o outro que nós nos constituímos. A interação com o outro, esse dialogismo, é a condição da possibilidade de existência e constituição do sujeito como ser social.

A partir de sua concepção dialógica da linguagem, Bakhtin propõe uma metodologia para o estudo da língua: primeiro precisamos entender o que é a linguagem, sua natureza socio-interacional e histórica; a partir dela compreendemos as

ações humanas e suas produções sociais, as quais se desenvolvem nas esferas sociais pelas quais transitam os indivíduos (religiosa, jornalística, escolar, familiar etc.). Em seguida, o estudo dos gêneros do discurso – pois eles são constituídos historicamente a partir da interação social até adquirirem certa estabilidade. É somente depois de perfazer esse caminho que seremos capazes de entrar no estudo das formas da língua, através da análise linguística.

O enunciado, para Bakhtin, é a unidade real e concreta da comunicação entre os interlocutores de uma dada situação de interação. O nosso discurso, então, materializa-se em enunciados – enunciados verbais orais, verbais escritos – ou em outra unidade semiótica, como o desenho, a música, etc. Bakhtin (2003[1979], p. 283) diz que “Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por meio de enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)”. Dessa forma, entendemos que interagimos com o outro por meio de enunciados, por meio dessas unidades da interação discursiva. O enunciado é composto de uma dimensão verbal, ou outro material semiótico, e de uma dimensão social, sendo ela: em que situação de interação o enunciado foi proferido, quem o proferiu, para quem, com que finalidade. Isto é, o aluno precisa assumir como autor e ter o que dizer, a quem dizer, razões para dizer e estratégias para dizer.

Acredito, portanto, que o ensino de Língua Portuguesa nas escolas deve pautar-se na teoria dos gêneros do discurso – práticas de uso da língua que instituem as relações humanas nas diferentes esferas sociais (esfera religiosa, esfera familiar, esfera escolar etc.) – definidos por Bakhtin (2003[1979]) como tipos relativamente estáveis de enunciados. Os gêneros estão implicados na cadeia discursiva, não na imanência no sistema textual.

O conceito de gêneros do discurso como práticas de uso da língua ajuda a situar o aluno no contexto em que eles são construídos. Por exemplo: uma reportagem de jornal só interessa enquanto gênero instituidor de sentidos se estiver vinculada ao seu suporte, o jornal, e ao seu meio, o local em que foi escrita, por quem e com que finalidade. Um texto tomado avulsamente não constrói sentidos plenos, pois não institui relações na cadeia discursiva, apenas agencia de maneira superficial certas estruturas do sistema linguístico.

Em todo o momento podemos observar o surgimento e o desaparecimento de diversos gêneros. Rodrigues (2005) cita dois exemplos: a *conversa de salão* e o

romance-folhetim, como gêneros que desapareceram da circulação social. Já outros gêneros podem surgir, como o *blog* que surgiu através da internet e pode se dizer que lembra em muito o *diário*; ou o *e-mail* que são as novas *cartas*. Mas, ressalta Rodrigues (2005), os gêneros que surgem não substituem os já estabelecidos – um telefonema não substitui uma conversa, por exemplo.

Desse modo, se a língua institui as relações sociais, a aprendizagem deve ser entendida como algo que ocorre no movimento de fora para dentro, isto é, da intersubjetividade para a intrassubjetividade e não o contrário. É a partir das relações sociais, das relações dialógicas, que o aluno será capaz de formar e de se apropriar de conhecimentos. Um professor ancorado nesse ideário percebe que seus alunos não são sujeitos universais, portanto não podem ser concebidos da mesma maneira: cada um terá seu tempo para aprender, dependendo do conhecimento prévio com que chegou à escola (ou série) em questão e da forma como as relações sociais que estabeleceu ao longo de sua história o formaram. E ainda, compreende que seus alunos não são sujeitos *tabula rasa*, onde podem ser inseridos conteúdos diversos que serão absorvidos tal qual a significação dada pelo professor (a educação não pode ser bancária).

2.4.4 OBJETIVOS

Apresentar aos alunos as especificidades do gênero *história em quadrinhos*, a fim de desenvolver suas habilidades de leitura e de escrita e de produção textual escrita desse gênero, concebendo a análise linguística em favor do desenvolvimento dessas habilidades. Reconhecer a história em quadrinho como gênero e compreendê-la como prática de uso da língua, identificando suas regularidades. Aprimorar habilidades de compreensão leitora e produção textual escrita, concebendo a análise linguística em favor dessas habilidades.

2.4.5 METODOLOGIA

Iniciarei as aulas com uma conversa acerca das histórias em quadrinhos, a fim de socializar o conhecimento de cada aluno – o que os alunos conhecem sobre esse tipo de história e quais histórias conhecem/já leram –, esclarecendo possíveis dúvidas. A primeira aula servirá como inserção dos alunos no mundo das histórias em quadrinhos, compartilhando com eles conhecimentos sobre esse gênero: seu nascimento, sua história e suas regularidades.

Após esse primeiro contato, serão propostas atividades de escritura para que os alunos se apropriem do gênero, em dias diferentes. Nas primeiras aulas, os alunos receberão duas folhas de atividades onde deverão elaborar diálogos a partir do desenho já dado. No segundo momento, apresentarei a eles a proposta de facção de uma história em quadrinhos. Para tanto, eles estarão em contato constante com as histórias em quadrinhos e tirinhas, tanto nos slides apresentados, quanto na sala de aula, num mural só de histórias em quadrinhos preparado por mim e fixado na parede (ANEXO 18).

Após o primeiro momento de produção textual, recolherei as produções dos alunos de modo a levantar os problemas de escrita encontrados e preparar uma aula de discussão e reflexão dos elementos gramaticais, pensando, sempre, na melhoria da escrita do aluno, para que suas próximas produções textuais não fiquem comprometidas. A aula terá, também, uma retomada das especificidades das HQ's, lembrando os alunos dos diversos tipos de balões, das expressões faciais, etc.

A última aula do projeto será, também, a última oportunidade para que os alunos finalizem suas histórias, passando a limpo em folha colorida disponibilizada por mim e pintando os desenhos, se assim desejarem. Pretendo, na última aula, dar uma lembrança aos alunos para que se lembrem desse momento tão agradável que será o estágio de docência.

2.4.6 RECURSOS NECESSÁRIOS

RECURSOS MATERIAIS:

- Quadro;
- Pincel;
- Papel;

- Lápis;
- Material de desenho;
- Datashow;
- Revistinhas em quadrinhos.

RECURSOS BIBLIOGRÁFICOS:

Como fonte de estudos e trabalho, utilizarei tirinhas e histórias em quadrinhos retiradas da internet e de livros. Usarei também, em minhas aulas, o livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*, de Ângela Rama, Waldomiro Vergueiro, Alexandre Barbosa, Paulo Ramos e Túlio Vilela.

2.4.7 AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados pelo seu desempenho, interesse e envolvimento nas aulas e nas atividades propostas. Além disso, eles serão avaliados pelo desempenho na produção da história em quadrinhos, feita, individualmente, ao longo das aulas.

2.4.8 PLANOS DE AULA

PLANO DE AULA 1

1. IDENTIFICAÇÃO

Escola: Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professora regente: Ângela Beirith

Estagiária: Laiana Abdala Martins

Turma: 6º ano

Data: 9/5/2013 2 aulas, das 08:30 h às 10:00 h

2. TEMA

História em quadrinhos.

3. OBJETIVOS

Apresentar aos alunos a história das histórias em quadrinhos, a fim de que se conheça como elas surgiram, como ganharam espaço nos meios de comunicação e, também, na sala de aula;

Apresentar aos alunos especificidades do gênero história em quadrinhos, como a linguagem visual (icônica) e os recursos usados na linguagem (os balões, a onomatopeia e, também, as expressões das personagens), a fim de desenvolver habilidades de leitura/escrita;

Reconhecer a história em quadrinhos como prática de uso da língua, identificando suas regularidades;

4. CONHECIMENTOS ABORDADOS

História das histórias em quadrinhos; elementos específicos das histórias em quadrinhos; tirinhas.

5. METODOLOGIA

Chamada;

Apresentação do projeto de estágio;

Conversa com os alunos sobre a história em quadrinhos: o que sabem sobre as HQs?

Exposição breve da história das HQs através de apresentação em Power Point (ANEXO 19);

Exposição dos elementos das HQs: tipos de balões, características dos personagens das histórias em quadrinhos, expressões faciais, onomatopeia;

Exibição de uma entrevista com Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica²;

Execução de duas atividades referentes à aula: a primeira atividade consiste em cada aluno criar, a partir de uma sequência de quadrinhos sem balões e falas, seu próprio diálogo, utilizando os balões que achar necessário (ANEXO 20); na

² Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=w2aRGY9aqU>> Acesso em 30 de abril 2013.

segunda atividade, por sua vez, os balões já são dados, os alunos devem criar falas pertinentes à forma dos balões (ANEXO 21);

Leitura de livros disponibilizados pela professora: vários livros de história em quadrinhos ficarão disponíveis aos alunos para que possam ver/ler, à medida que terminarem a atividade.

Correção coletiva da atividade;

6. RECURSOS

Quadro;

Pincel;

Papel;

Lápis;

Livros levados pela professora;

Datashow.

7. AVALIAÇÃO

Interesse dos alunos pela aula e cumprimento das atividades propostas.

8. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. RAMOS, Paulo. VILELA, Túlio. RAMA, Ângela. VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PLANO DE AULA 2

1. IDENTIFICAÇÃO

Escola: Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professor regente: Ângela Beirith

Estagiária: Laiana Abdala Martins

Turma: 6º ano

Data: 10/5/2013 2 aulas, das 10:15 h às 11:45 h

2. TEMA

História em quadrinhos;
Produção textual.

3. OBJETIVO

Produção textual escrita do gênero história em quadrinhos, concebendo a análise linguística em favor do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

4. CONHECIMENTOS ABORDADOS

Conhecimentos dados sobre o gênero história em quadrinhos, os quais serão acionados e/ou utilizados pelos alunos no processo de construção de uma história em quadrinhos.

5. METODOLOGIA

Chamada-tema: cada aluno, à medida que for chamado para registrar a presença, deve dizer qual a história em quadrinhos que mais gosta (gostou) de ler;

Breve retomada da aula anterior: questionar os alunos, fazendo-os lembrar sobre o que foi falado sobre as HQs durante a aula;

Apresentação da proposta de facção de uma história em quadrinhos: a história deve envolver a escola em que estudam, alguma situação vivida por eles, ou mesmo uma situação fictícia³;

Execução da atividade: durante a execução, os alunos serão atendidos para tirar dúvidas, conforme solicitarem;

Recolhimento da atividade, a qual será retomada na aula seguinte;

6. RECURSOS

Quadro;

Pincel;

Papel;

Lápis.

³ A escola, neste ano, completa 50 anos de fundação e, por isso, elaborará um livro que contemple as produções textuais dos alunos. Por solicitação da coordenação pedagógica, todas as produções devem ter como tema a escola. Além disso, duas das histórias em quadrinhos, a partir de uma seleção, serão escolhidas para conterem no jornal da escola, produzido pelos alunos e por outras estagiárias, e no livro em comemoração ao aniversário da escola.

7. AVALIAÇÃO

Interesse dos alunos pela aula;

Desempenho na atividade de facção de história em quadrinhos.

8. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. RAMOS, Paulo. VILELA, Túlio. RAMA, Ângela. VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PLANO DE AULA 3

1. IDENTIFICAÇÃO

Escola: Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professor regente: Ângela Beirith

Estagiária: Laiana Abdala Martins

Turma: 6º ano

Data: 17/5/2013 2 aulas, das 10:15 h às 11:45 h

2. TEMA

Análise linguística das histórias em quadrinhos;

Produção textual.

3. OBJETIVO

Discutir e refletir sobre elementos gramaticais, a fim de que haja melhor aplicação escrita da língua portuguesa de modo a não comprometer suas produções textuais.

4. CONHECIMENTOS ABORDADOS

Conhecimentos dados sobre o gênero história em quadrinhos, os quais serão acionados e/ou utilizados pelos alunos no processo de construção de uma história em quadrinhos; noções gramaticais.

5. METODOLOGIA

Chamada;

Análise linguística das histórias em quadrinhos produzidas pelos alunos na aula anterior, mesmo que não tenham terminado, em apresentação de Power Point (ANEXO 22);

Discussão das inadequações encontradas, em relação ao gênero trabalhado e a aspectos gramaticais, tais como: pontuação, concordância verbal e nominal, ortografia;

Devolução da atividade de escrita, a fim de que os alunos possam arrumar o que estiver inadequado e continuar o processo de facção;

Sorteio de três revistas em quadrinhos;

6. RECURSOS

Quadro;

Pincel;

Papel;

Lápis;

Material de desenho;

Datashow.

7. AVALIAÇÃO

Interesse dos alunos pela aula;

Desempenho na atividade de facção de história em quadrinhos.

8. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. RAMOS, Paulo. VILELA, Túlio. RAMA, Ângela. VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PLANO DE AULA 4

1. IDENTIFICAÇÃO

Escola: Básica Municipal Beatriz de Souza Brito

Professor regente: Ângela Beirith

Estagiária: Laiana Abdala Martins

Turma: 6º ano

Data: 23/5/2013 2 aulas, das 08:30 h às 10:00 h

2. TEMA

História em quadrinhos;

Produção textual.

3. OBJETIVOS

Produção textual escrita do gênero história em quadrinhos, concebendo a análise linguística em favor do desenvolvimento dessas habilidades.

Término da atividade de escritura para que se possa ser atribuída uma nota, a qual se juntara às demais para compor a média final.

4. CONHECIMENTOS ABORDADOS

Conhecimentos dados sobre o gênero história em quadrinhos, os quais serão acionados e/ou utilizados pelos alunos no processo de construção de uma história em quadrinhos.

5. METODOLOGIA

Chamada;

Devolução da atividade de escritura: última oportunidade de os alunos terminarem a história em quadrinhos;

Recolhimento da atividade finalizada;

Despedida da professora e entrega de uma lembrança aos alunos e à professora regente pela experiência em sala de aula e pelo comprometimento.

6. RECURSOS

Quadro;

Pincel;

Papel;

Lápis;

Material de desenho.

7. AVALIAÇÃO

Interesse dos alunos pela aula.

Desempenho na atividade de facção de história em quadrinhos.

8. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. RAMOS, Paulo. VILELA, Túlio. RAMA, Ângela. VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

2.5 PROJETO EXTRACLASSE

2.5.1 INTRODUÇÃO

No ano de 2013, a Escola Municipal Beatriz de Souza Brito comemora, além do seu quinquagésimo aniversário, o décimo ano do projeto de formação continuada de seus docentes, intitulado *Ler e escrever: compromisso da escola, compromisso de todas as áreas*, realizado anualmente pela professora Terezinha Bertin, autora dos livros didáticos de Língua Portuguesa da editora Ática, adotados na escola. O curso ministrado pela autora, como sugere o nome, busca integrar todas as áreas de ensino na busca de capacitação das habilidades linguísticas, de leitura e de escrita, mostrando que esta função não é exclusiva dos professores de Língua Portuguesa.

Pela aproximação já existente entre a escola e a autora, além da afinidade que os alunos já possuem com os materiais da editora, visto que estas obras são adotadas pela instituição há um tempo considerável e que os materiais fazem parte do cotidiano dos discentes, este projeto, sob o nome *Quem escreve o que leio: uma conversa com Terezinha Bertin, autora dos livros didáticos de Língua Portuguesa da E. B. M. Beatriz de Souza Brito*, visa trazer uma aproximação entre os usuários do livro didático e sua autora, Terezinha Bertin.

2.5.2 JUSTIFICATIVA

Compreendendo que os livros didáticos, utilizados por alunos de muitas instituições escolares, em qualquer nível de ensino e ano, são materiais aprovados pelo Ministério da Educação e distribuídos para todo o território nacional, percebemos que, muitas vezes, existe um certo distanciamento entre aluno-material, mesmo este fazendo parte do seu cotidiano. Assim, por considerarmos importante o contato do autor do livro com os alunos que o utilizam para que, entre outras coisas, estes possam estreitar a relação com o material didático, tornando-o mais acessível, decidimos, a partir da ideia da orientadora educacional Maria Stela Bardini Eller, elaborar este projeto para promover uma roda de conversa entre os alunos e a autora do livro didático, Terezinha Bertin, através de perguntas elaboradas pelos próprios discentes.

2.5.3 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo estatísticas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), na última aquisição de livros didáticos para as séries finais do ensino fundamental – através do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2011 – foram investidos R\$893 milhões em materiais didáticos que atenderam 29.445.304 alunos em todo o território nacional para garantir o direito exposto na Resolução/CD/FNDE nº 42, de 28 de agosto de 2012, que já em seu primeiro artigo nos esclarece que o PNLD deve “prover as escolas públicas de ensino fundamental e médio com livros didáticos e acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários”.

Entendemos, portanto, que tamanho investimento de verba pública deve ser levado em consideração na discussão acerca da utilização do livro didático nas instituições escolares. Por isso, a proposta de aperfeiçoar sua utilização, criando uma maior identidade dos alunos com o seu material, a nosso ver, é muito válida.

Além disso, como o projeto tem como base o uso do gênero *entrevista* para construção e realização da roda de conversas, é importante ressaltar o conceito de gênero proposto por Bakhtin (2002) que assegura que os gêneros do discurso são

construídos socialmente, através da interação verbal, e de acordo com as necessidades dos indivíduos. Podemos afirmar, então, que o gênero é um enunciado que ganhou estabilidade através das relações sociais: “A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo” (BAKHTIN, 2002, p. 126).

Assim, no decorrer do projeto, faremos o trabalho com o gênero *entrevista*, baseado nas questões teóricas supracitadas, entendendo que este é parcialmente estável em função do seu lugar na interação verbal, definido socialmente.

2.5.4 OBJETIVOS

OBJETIVOS GERAIS

- Propiciar aos alunos da turma 71, sétimo ano, da Escola Beatriz um momento de aproximação com a escritora do livro didático, Terezinha Bertin, o qual eles utilizam há anos em sala de aula.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reconhecer *Entrevista* como gênero discursivo, identificando suas regularidades e se apropriando dele como prática de uso da língua.
- Suscitar a reflexão dos alunos em relação à produção, à distribuição e à utilização de livros didáticos.
- Aprimorar as práticas de leitura e de oralidade.
- Conhecer, observar e produzir entrevistas, de acordo com as características do gênero e as condições da situação de produção.
- Utilizar a linguagem oral em situações que exijam: preparação prévia e maior grau de formalidade.
- Expressar-se oralmente de forma clara e ordenada, adequando a linguagem à situação comunicativa.

- Elaborar um vídeo do encontro entre alunos e autora para apresentação da atividade em reuniões da escola, aos pais, à comunidade, à Secretaria Municipal de Educação.
- Elaborar um vídeo que posteriormente sirva de instrumento didático para trabalhar com o gênero *entrevista*.
- Documentar parte das atividades comemorativas ao aniversário de 50 anos da escola e dos 10 anos do curso de formação continuada.

2.5.5 METODOLOGIA

Inicialmente, os alunos da turma 71 foram convidados pela orientadora educacional da escola a escrever perguntas de cunho pessoal e profissional para a autora do livro didático *Tudo é Linguagem*, utilizado por eles nas aulas de Língua Portuguesa. Partindo destas perguntas, esse projeto passou a ser elaborado pelas estagiárias do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa, com auxílio e orientação da orientadora educacional, Maria Stela, idealizadora do mesmo.

Para a realização do projeto, pretendemos, num primeiro momento, partir das perguntas propostas pelos alunos e orientá-los acerca do seu conteúdo, coesão, coerência e questões gramaticais, a fim de torná-las mais maduras.

Feito este trabalho de amadurecimento, pretendemos discutir com os alunos a proposta da conversa e o produto final dela, discutindo as questões do gênero entrevista, as características do vídeo que pretendemos produzir, entre outras questões mais práticas que serão essenciais para que o evento aconteça. Com as questões práticas encaminhadas, a divulgação do evento na escola e em meios digitais será realizada pelas estagiárias, a fim de garantir quórum no dia da conversa, lembrando que os funcionários e os professores da escola estão convidados a participar.

Assim, organizaremos o encontro entre autora e alunos, registrando tudo em vídeo. Esse encontro terá as perguntas (ANEXO 23) divididas em três blocos de perguntas (1- Perguntas sobre a vida pessoal da escritora; 2- Perguntas sobre a caminhada da escritora; e 3- Perguntas específicas sobre o livro didático) e serão mediados por nós, estagiárias, e pela orientadora da escola.

Após a conversa, proporcionaremos aos envolvidos um lanche de confraternização, que também será registrado.

Por fim, as estagiárias auxiliarão na edição do vídeo, que ficará a cargo do responsável pelo Projeto Multimídias da escola, Leopoldo Nogueira e Silva, e na divulgação do mesmo.

Em suma, o projeto seguirá o seguinte calendário:

ATIVIDADE	TEMPO	DATA	LOCAL
Refacção/maturação das perguntas	45'	08/04	Sala de aula
Discussão acerca do gênero <i>entrevista</i> e sobre a realização do evento e ensaio para o evento	45'	09/04	Auditório
Encontro/conversa com a professora Terezinha Bertin	120'	17/04	Auditório
Coquetel de confraternização	60'	17/04	Sala multiuso
Escrita do Relato	45'	25/04	Sala de aula
Edição do vídeo	Aproximadamente 30 dias	Início em 17/04 e término previsto para 16/05	Escola

2.5.6 RECURSOS

- Perguntas escritas pelos alunos à professora Terezinha Bertin.
- Filmadora.
- Máquina fotográfica.
- Ingredientes para o lanche.

2.5.7 AVALIAÇÃO

A avaliação do projeto será feita através de um relato escrito do encontro com a escritora sobre o que representou essa experiência para os alunos da turma 71. Além disso, serão considerados o envolvimento, o interesse e o comportamento de cada um deles, tanto na organização do encontro quanto no dia da execução do projeto.

2.6 RELATOS

2.6.1 DOCÊNCIA

9/05/2013

Minha primeira aula como professora da turma. A sala estava cheia e poucos alunos haviam faltado. Antes de começar a aula, com a ajuda da professora Isabel e do professor de Ciências da escola, montei o aparelho de Datashow, que já havia sido reservado para essa aula. Esses primeiros minutos foram muito bons para que eles pudessem se ajeitar nas suas cadeiras e para que eu organizasse meus materiais. A professora Ângela fez uma fala rápida e logo me passou a palavra. Iniciei a aula me apresentando, apesar de já me conhecerem do período de observação, pois percebi que havia dois alunos novos. Expliquei a eles que, durante oito aulas, eu iria ser a professora deles e, para isso, elaborei um projeto pautado nas histórias em quadrinhos.

Antes de começar com o conteúdo, perguntei aos alunos o que eles sabiam sobre as histórias em quadrinhos, o que já tinham lido, etc. A maioria deles conhecia histórias em quadrinhos, principalmente, A Turma da Mônica, e mangás. Perguntei sobre as características das histórias em quadrinhos e a maioria deles já conhecia os tipos de balões.

Comecei, então, a apresentar a eles o material que eu havia levado. Primeiro, falei da história das HQ's: como surgiram, em que época, etc. Depois falei da disponibilidade das histórias em quadrinhos, onde encontramos os livros, as revistinhas,

e de seu baixo custo. Segui o conteúdo, agora falando das especificidades desse gênero: o uso da onomatopeia, a história em quadros e em sequência, a presença de balões de fala e a ausência do travessão e as expressões faciais das personagens. Recheei os slides com tirinhas do Garfield, Calvin, Mafalda, e os alunos ficaram muito animados para ler. Às vezes, sete ou oito crianças queriam ler a mesma tirinha. Foi interessante, pois cada um dava a sua entonação e não ficou repetitivo.

Quando terminei os slides, entreguei aos alunos duas atividades contendo o conteúdo abordado na sala de aula. Foi muito legal, todos gostaram, queriam pintar e levar pra casa. Avisei-os de que queria que eles colassem em seus cadernos, fui prontamente atendida. Poucos alunos, dois ou três, não se interessaram pela atividade, mas o restante da turma me pareceu bem entusiasmada. Enquanto eles faziam a atividade, a professora Ângela, a professora Isabel e eu andávamos pela sala ajudando os alunos que solicitavam.

No fim da aula, agradei e me despedi deles, liberando-os, em seguida, para o recreio.

10/5/2013

No segundo dia de aula, levei uma proposta de produção de uma história em quadrinhos. Antes de lhes explicar o que eu queria, retomei a aula anterior, perguntando a eles o que se lembravam das discussões do dia anterior. Surpreendi-me, pois estavam todos bem antenados no conteúdo.

Quando terminamos a retomada, expliquei o que eu queria que fizessem: uma história em quadrinhos, de uma página, que contemplasse a escola em que estudam. Com a ajuda da professora Ângela, lhes disse que poderiam contar alguma situação engraçada, triste ou interessante que eles haviam passado na escola, no horário da aula, no recreio, com os amigos. Eles ficaram muito relutantes, reclamaram muito, dizendo que não sabiam desenhar, que não queriam falar da escola por diversos motivos. Alguns falaram que nem queriam tentar fazer a atividade. Entreguei as folhas brancas e pedi para que pensassem e qualquer dúvida poderiam me chamar.

A aula foi bem cansativa, tanto pra mim quanto pra eles. Pra mim porque tive que lidar com a relutância deles, tentando sempre convencê-los de que eu não avaliaria o desenho deles, de que eles conseguiriam, sim, construir uma história em quadrinhos.

Pra eles porque estavam super ansiosos com a produção e não tinham ficado calmos a aula inteira.

Quase no fim, pedi que me entregassem o que haviam feito até então para que eu pudesse ler e lhes ajudar na próxima aula. Falei que podiam pensar em casa e trazer a ideia na aula seguinte para discutirmos. Agradei, me despedi e os liberei.

17/5/2013

Depois de ter lido as histórias feitas pelos alunos na aula anterior, preparei uma apresentação em Power Point para, com eles, lembrar o que foi dito sobre as características das histórias em quadrinhos e, também, para refletir/discutir sobre a escrita deles.

Nessa aula, eles estavam bem agitados, conversavam muito e tive que parar minha fala várias vezes para pedir que prestassem atenção em mim. Fiz a análise linguística das histórias em quadrinhos, discuti com eles os problemas encontrados e, no fim, mostrei algumas historinhas em que a escola se fazia presente. Diferentemente da primeira aula, eles não ficaram tão animados para fazer a leitura, competindo a mim a leitura da maioria das tirinhas.

Quando terminei, entreguei a eles as histórias e lhes disse que cada um poderia escolher uma cor de folha sulfite, dentre as quatro cores que levei, para a refacção da história. Eles ainda estavam intolerantes com a proposta de produção de uma história em quadrinhos que falasse algo da escola deles. Foi mais uma aula cansativa. Alguns se esforçavam bastante, outros não se interessavam e não prestavam atenção em mim. Eu passava em cada carteira perguntando se precisavam de algo, pois eu poderia ajudar. Alguns pediam ajuda, outros não pediam, pois já sabiam o que fariam, outros, ainda, não pediam pelo simples fato de que não queriam fazer a história.

Essa aula foi a primeira que a professora Ângela não foi e, na sala, estava a professora nova deles, com quem só alguns haviam tido contato, nas aulas de reforço. Acredito que isso tenha ajudado no difícil caminhar da aula. No fim da aula, recolhi as histórias dos alunos, junto com os rascunhos, me despedi e os liberei.

23/5/2013

Último dia de aula. Nesse dia, tudo correu muito bem. Eles estavam animados, haviam levado material de desenho para pintarem seus desenhos e quase não chamei a atenção deles.

Comecei a minha aula os cumprimentando e entregando as atividades – o rascunho e a folha colorida. Alguns alunos vieram até mim para perguntar se podiam mudar a sua história. Disse que tudo bem por mim, mas eles precisavam ter em mente que aquele dia era o meu último dia de aula como professora deles e, se por um acaso eles quisessem que eu corrigisse a história para depois passarem a limpo, isso deveria ser feito na sala. Alertei que o tempo seria corrido, mas se achavam que conseguiriam, tudo bem.

A aula foi toda em função do término da atividade. Eles permaneceram quietos e sentados a maior parte do tempo, me chamavam quando tinham alguma dúvida e eu ia até a carteira deles. Essa aula lembrou muito a primeira, quando eles estavam muito animados e interessados. Fiquei muito feliz.

Na metade da aula, fiz a chamada e, à medida que eu chamava, eles vinham até a minha mesa buscar as lembrancinhas (ANEXO 24). Eles agradeceram muito e alguns me abraçaram. Quando terminei, todos continuaram a fazer as suas histórias. Faltando poucos minutos para o fim da aula, pedi que eles me ouvissem, pois queria lhes dizer algumas coisas: agradei pela oportunidade, pelo carinho com que me receberam e pelo interesse nas aulas. Disse a eles que eu voltaria em outro dia para devolver as atividades corrigidas e dizer quem havia sido os vencedores da melhor história em quadrinhos, que iria para o jornal da escola, produzido pelas estagiárias do extraclasse, e para o livro que está sendo produzido pela escola em comemoração aos seus 50 anos.

Pedi a todos que se reunissem na frente do quadro negro para tirarmos uma bela foto de recordação (ANEXO 25). Agradei novamente e os dispensei para o recreio.

20/5/2013

Neste dia, compareci à escola para devolver corrigidas as atividades dos alunos. Antes de entrar na sala, conversei com a nova professora deles e pedi para que me deixasse devolver as atividades e, também, dizer aos alunos quais eram as duas histórias em quadrinhos que seriam publicadas no jornal e no livro.

No começo da aula, então, cumprimentei-os e disse que estava ali para devolver as atividades deles. Alguns ficaram muito animados e vieram me abraçar. Chamei um

por um e entreguei as histórias. No final, disse a eles que as duas histórias escolhidas foram a da aluna Marina e a da aluna Paula (ANEXO 26). Eles ficaram felizes e elas também. Como prêmio, cada uma ganhou um lápis, uma caneta colorida, um marca-páginas e um livro do Garfield.

Agradei a professora e me despedi deles.

2.6.2 EXTRACLASSE

O projeto extraclasse foi desenvolvido com as alunas e, também, estagiárias, Lívia de Mello Reis e Daniela Cristina da Silva. Esse projeto surgiu da orientadora educacional Maria Stela Bardini Eller, com o objetivo de aproximar a autora do livro didático usado na escola, Terezinha Bertin, dos alunos.

Há 10 anos, Bertin comparece à escola, duas vezes ao ano, para ministrar o curso de formação de professores, durante uma semana. Este ano, porém, a escola tinha a intenção de fazer algo diferente nessa semana, o que levou a orientadora Stela procurar as estagiárias de Língua Portuguesa para discutir sobre as ideias. Foi decidido então que a Daniela, a Lívia e eu ficaríamos encarregadas de promover um encontro entre o sétimo ano do ensino fundamental e a Terezinha Bertin. Decidiu-se, também, que o encontro seria uma roda viva, em que os alunos fariam perguntas, elaboradas por eles mesmos, à autora.

Com isso, durante uma manhã em que a turma 71 teve uma aula vaga – essa era a turma que a Daniela e a Lívia fariam o estágio de docência e, no momento, estavam em estágio de observação – as estagiárias estavam na escola e aproveitaram o momento para, com os alunos, elaborar as perguntas do evento, orientando-os, sempre, na escrita e acerca do seu conteúdo. Desse momento, não participei, pois não estava no colégio nesse dia e a oportunidade surgiu imediatamente.

O segundo encontro com a turma, no qual eu estava presente, foi feito no auditório. Nós três encaminhamos um ensaio com os alunos e discutimos com eles a proposta dessa entrevista e o produto final dela. Falamos, também, ainda que rapidamente, sobre as regularidades do gênero entrevista, a fim de que os alunos entendessem que a entrevista, a qual se constitui um gênero, é uma forma de uso da língua. No fim da aula, os alunos foram dispensados.

Dentre os nossos compromissos estavam: corrigir e dividir as perguntas em blocos – o primeiro sobre a vida pessoal da escritora, o segundo sobre sua vida profissional e o terceiro e último bloco sobre o livro didático –; preparar o projeto para ser entregue à escola e à professora; divulgar o evento, convidando outros alunos, funcionários e professores a assistirem; e, finalmente, no dia do evento, coordená-lo de uma maneira geral, como apresentando a turma e a entrevistada, direcionando o tempo dos blocos e promovendo um café de confraternização.

O dia da entrevista foi muito legal, os alunos se comportaram muito bem diante da entrevistada e creio que ficaram muito felizes pela aproximação proporcionada. Ao final, seguimos à sala multiuso e oferecemos um café aos alunos e à autora Terezinha Bertin (ANEXO 27).

2.7 COMENTÁRIO SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

A turma 61, de um modo geral, é muito ativa, comprometida e interessada. Percebi que, nas aulas expositivas, eles se comprometiam mais e a atenção era dispersada ocasionalmente. Já nas aulas de produção, eles ficavam mais dispersos e, frequentemente, eu precisava chamar a atenção deles, para que se sentassem e cuidassem de suas atividades.

No que diz respeito à apropriação do gênero, os alunos obtiveram resultados satisfatórios. A maioria dos alunos já conhecia histórias em quadrinhos, tirinhas e mangás e já conhecia as suas regularidades, por isso não encontrei muitos obstáculos. Quanto a isso, não houve grandes problemas em suas produções.

Quanto à gramática, os alunos apresentaram alguns problemas na escrita. Depois da aula de análise linguística, alguns deles prestaram mais atenção na maneira de escrever e quando havia dúvidas, me chamavam. Para uma abordagem maior e mais satisfatória, seria necessário um tempo maior, pois percebi que, mesmo explicando e pedindo sempre para que me chamassem, vários deles tiveram problemas sérios na escrita.

Em suma, as aulas agregaram conhecimento aos alunos, mesmo àqueles que já sabiam bastantes coisas das HQ's, e todo o processo até o seu término foi muito proveitoso.

3. ENSAIO

Experiências de docência

Este ensaio foi pensado com base em todo o processo de preparação para o estágio de docência e com base na própria docência. É imprescindível, sempre, ressaltar a importância desse momento para um graduando em licenciatura. O estágio, momento rico, faz com que ultrapassemos medos, inseguranças, dúvidas. Faz, também, com que confiemos mais em nós mesmos. O estágio foi, pra mim, um divisor de águas: posso afirmar que não sou a mesma que era quando comecei. Estar na sala de aula, com alunos, sujeitos constituídos na interação e que, por sua vez, também me constituíram, com uma professora que, acima de tudo, é profissional, e que tanto contribuiu para o meu desenvolvimento nesse momento tão curto, foi infindavelmente engrandecedor.

Apliquei o projeto de estágio numa turma de 6º ano de uma escola municipal, em Florianópolis. Antes, observei algumas aulas da professora regente nessa mesma turma e sempre que podia conversava com ela sobre suas práticas de ensino. Ao mesmo tempo, criava laços com os alunos, especialmente, com as meninas. As meninas porque elas eram mais abertas e estavam sempre ao meu lado, queriam saber como foi o meu final de semana, como é a faculdade e tantas outras coisas. Ao fim dessas observações, afastei-me da escola por alguns dias e retornei no dia nove de maio para dar minha primeira aula.

As aulas foram um misto de ansiedade, medo, insegurança, felicidade e realização. Ansiosa por estar lá fazendo algo que nunca fiz. Medo de não corresponder às expectativas – dos alunos, da professora regente, da minha professora. Medo, também, por encarar esse momento sozinha, sem alguém para formar uma dupla. Insegurança porque a fala em público, apesar de almejar muito ser professora, me deixa nervosa, com voz trêmula. Felicidade, pois desde pequena é o que sempre quis. Afinal, não reneguei minhas raízes. A minha família é um grande corpo docente. E realização

porque naquele momento eu estava na posição de professora, estava passando meus conhecimentos a eles, estava ali, aberta a aprender e a ensinar.

Foi um grande momento, todos os dias que se passaram foram grandiosos. No último dia de aula, estava feliz por ter passado por mais essa etapa e estava triste por ter que deixá-los.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório teve por finalidade relatar as experiências do estágio I cursado no primeiro semestre deste mesmo ano, e executado na turma 61 da E. B. M. Beatriz de Souza Brito.

Esse momento foi de imenso prazer e aprendizado para minha formação como professora. A sensação de ser professora, estar em sala de aula, criar relações com os alunos, só fizeram com que eu desejasse mais e mais seguir essa profissão, fizeram com que eu tivesse plena certeza de meus objetivos.

Aguardo, ansiosamente, o próximo semestre de estágio.

5. REFERÊNCIAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos**: Ensino de língua x Tradição gramatical. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. (V. N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma Palavra Outra**. Tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros – teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Dados Estatísticos**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-dados-estatisticos>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Resolução/CD/FNDE nº 42**: Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para a educação básica. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-legislacao/item/3758-resolu%C3%A7%C3%A3o-cd-fnde-n%C2%BA-42,-de-28-de-agosto-de-12>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Fundamental. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: A Secretaria, 2001.

ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BEATRIZ DE SOUZA BRITO. **Fundamentos**. Disponível em: <http://escolabeatrizdesouzabrito.blogspot.com.br/p/fundamentos.html> Acesso em: 19 de abril 2013.

BARBOSA, Alexandre. RAMOS, Paulo. VILELA, Túlio. RAMA, Ângela. VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

6. ANEXOS

ANEXO 1

ANEXO 2

ANEXO 3



ANEXO 4

Atividade oral

1 Leia os quadrinhos a seguir:



BROWNE, Dik. Hagar. In: Folha de S.Paulo, 28 mar. 2004, p. E11. © 2003 King Features Syndicate.

Trata-se de um diálogo entre as personagens Hagar e sua esposa, Helga. Para se comunicarem, as personagens utilizam frases de vários tipos, com variadas intenções.

- 2 Em duplas, treinem a leitura dramatizada dos quadrinhos. Observem a pontuação: ponto final, exclamação, interrogação e reticências, bem como tamanho e tipo de letra. Pensem na entonação que poderá ser dada às falas.

As duplas indicadas pelo/a professor/a fazem a apresentação para a classe.

Prof./a: comente com os alunos que nas histórias em quadrinhos são usados vários recursos para indicar a entonação das falas, como tamanhos diferentes de letras, negrito, itálico, etc. *Negrito* e *itálico* são termos das artes gráficas. O **negrito** ou **bold** é o caráter de traço mais forte que o comum; e o *itálico* é a letra inclinada para a direita. A palavra *relaxar*, no segundo quadrinho depois do título da história, está em **negrito** e *itálico* indicando a ênfase dada a ela pela personagem. No quadrinho seguinte, as letras em tamanho maior também indicam o tom enfático e exaltado em que a personagem se expressa.

Atividade escrita

- 1 Nos quadrinhos da atividade anterior, há várias frases em que o ponto de exclamação foi utilizado. Copie as frases em que o ponto de exclamação indica espanto ou surpresa. *Uuu! – Bolo de chocolate!*
- 2 Copie a alternativa que melhor indica o valor do ponto de exclamação nas outras frases dos quadrinhos: *Alternativa c.*
- | | |
|-----------------------------------|------------------------------------|
| a. exclamação indicando susto; | c. exclamação indicando afirmação; |
| b. exclamação indicando surpresa; | d. exclamação indicando admiração. |

Atividade oral

3 Leia os quadrinhos a seguir:



BROWNE, Dik. Hagar. In: Folha de S.Paulo, 28 mar. 2004, p. E11. © 2003 King Features Syndicate.

Trata-se de um diálogo entre as personagens Hagar e sua esposa, Helga. Para se comunicarem, as personagens utilizam frases de vários tipos, com variadas intenções.

2 Em duplas, treinem a leitura dramatizada dos quadrinhos.

Observem a pontuação: ponto final, exclamação, interrogação e reticências, bem como tamanho e tipo de letra.

Pensem na entonação que poderá ser dada às falas.

As duplas indicadas pelo/a professor/a fazem a apresentação para a classe.


Prof./a: comente com os alunos que nas histórias em quadrinhos são usados vários recursos para indicar a entonação das falas, como tamanhos diferentes de letras, negrito, itálico, etc. *Negrito* e *itálico* são termos das artes gráficas. O **negrito** ou **bold** é o caráter de traço mais forte que o comum; e o *itálico* é a letra inclinada para a direita. A palavra *relaxar*, no segundo quadrinho depois do título da história, está em *negrito* e *itálico* indicando a ênfase dada a ela pela personagem. No quadrinho seguinte, as letras em tamanho maior também indicam o tom enfático e exaltado em que a personagem se expressa.

Atividade escrita

- Nos quadrinhos da atividade anterior, há várias frases em que o ponto de exclamação foi utilizado. Copie as frases em que o ponto de exclamação indica espanto ou surpresa. *Uaw! – Bolo de chocolate!*
- Copie a alternativa que melhor indica o valor do ponto de exclamação nas outras frases dos quadrinhos: *Alternativa c.*
 - exclamação indicando susto;
 - exclamação indicando surpresa;
 - exclamação indicando afirmação;
 - exclamação indicando admiração.

ANEXO 7

Recado Difícil



Observe:

- O título do quadro
- A expressão e a postura do menino
- A expressão e a postura da moça
- O ambiente, a casa, as vestes: a cena representa um fato ocorrido em um ambiente rural (pertencente ao campo) ou na cidade?

Lembre-se: uma narração deve conter personagens, tempo, espaço e um narrador, que pode ou não participar dos fatos.

Escreva o que estaria acontecendo:

- A cena revela um momento de nervosismo, de tensão?
- Qual o conteúdo deste *Recado Difícil* ?

ANEXO 8

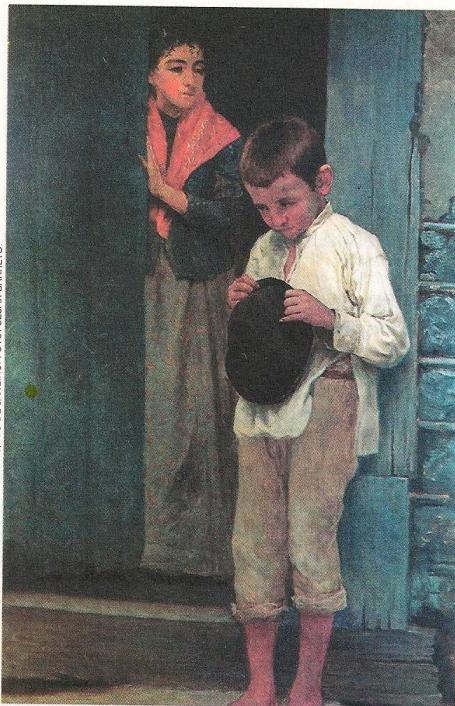
Outras linguagens

Pintura

Prof./a: esta seção tem a finalidade de estabelecer relação entre o gênero analisado na unidade e sua representação em outras linguagens: pintura, quadrinhos, charges, fotos... É uma seção destinada principalmente à retomada do conceito do gênero estudado e à ampliação para o reconhecimento da estrutura sob outras formas de organização da linguagem. É importante que a análise seja feita inicialmente como atividade oral.

A pintura, muitas vezes, parece contar um fato.

Observe o quadro a seguir, de um pintor paulista que retratou cenas do cotidiano.



ALMEIDA JÚNIOR/MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. RIO DE JANEIRO. FOTO: CÉSAR BARRETO.

Recado difícil, Almeida Júnior, 1895. Óleo sobre tela⁴, 139 x 79 cm.

Atividade oral

- 1 Converse com seus colegas para saber quem já foi portador de um recado muito difícil de ser dado. Que tipo de recado era? Como foi? *Resposta pessoal.*
- 2 Responda, observando a legenda⁵ do quadro:
 - a. Qual é o título da obra? *Recado difícil.*
 - b. Quem é o autor da obra? *Almeida Júnior.*
 - c. Em que ano foi realizada? *1895.*

4 **óleo sobre tela:** expressão que, nas artes plásticas, se refere ao processo de pintura feita com tinta a óleo numa tela.

5 **legenda:** pequeno texto explicativo de uma foto, pintura, etc.

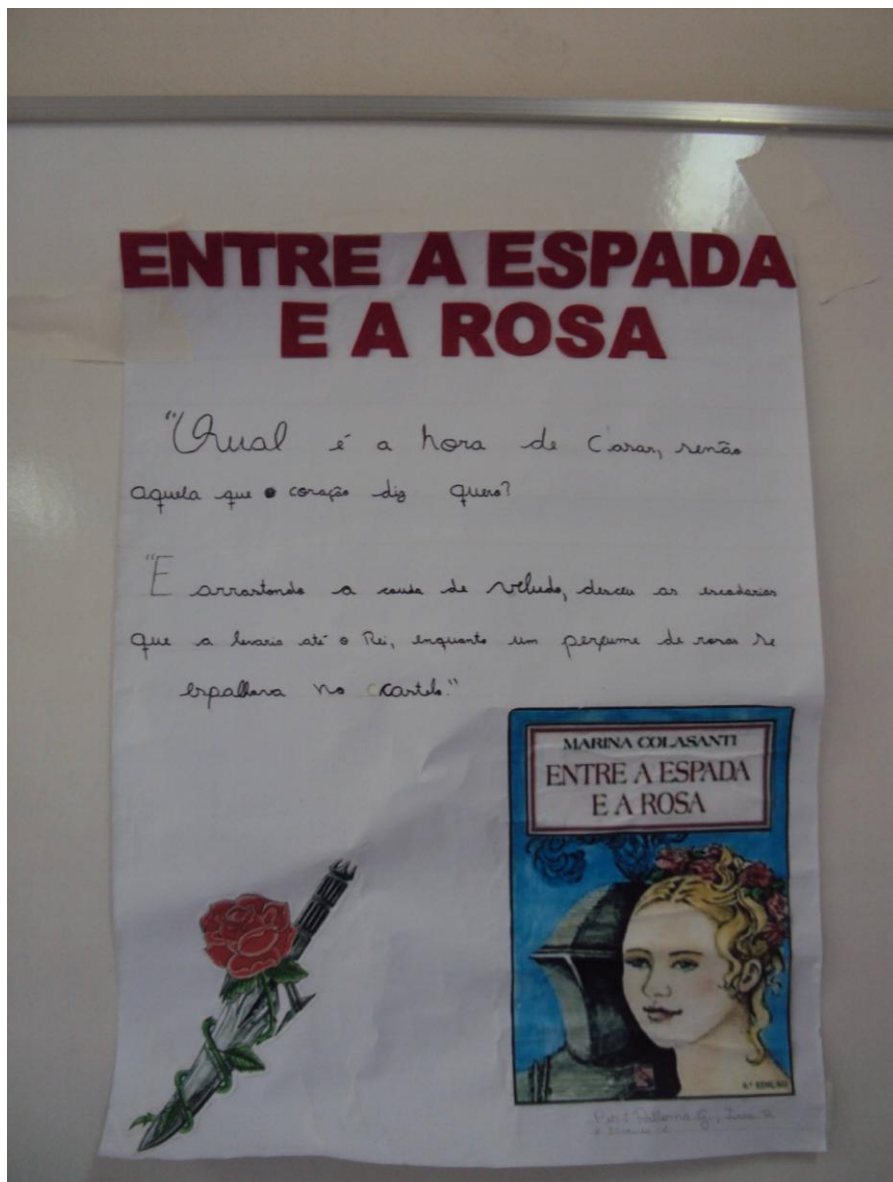
ANEXO 9



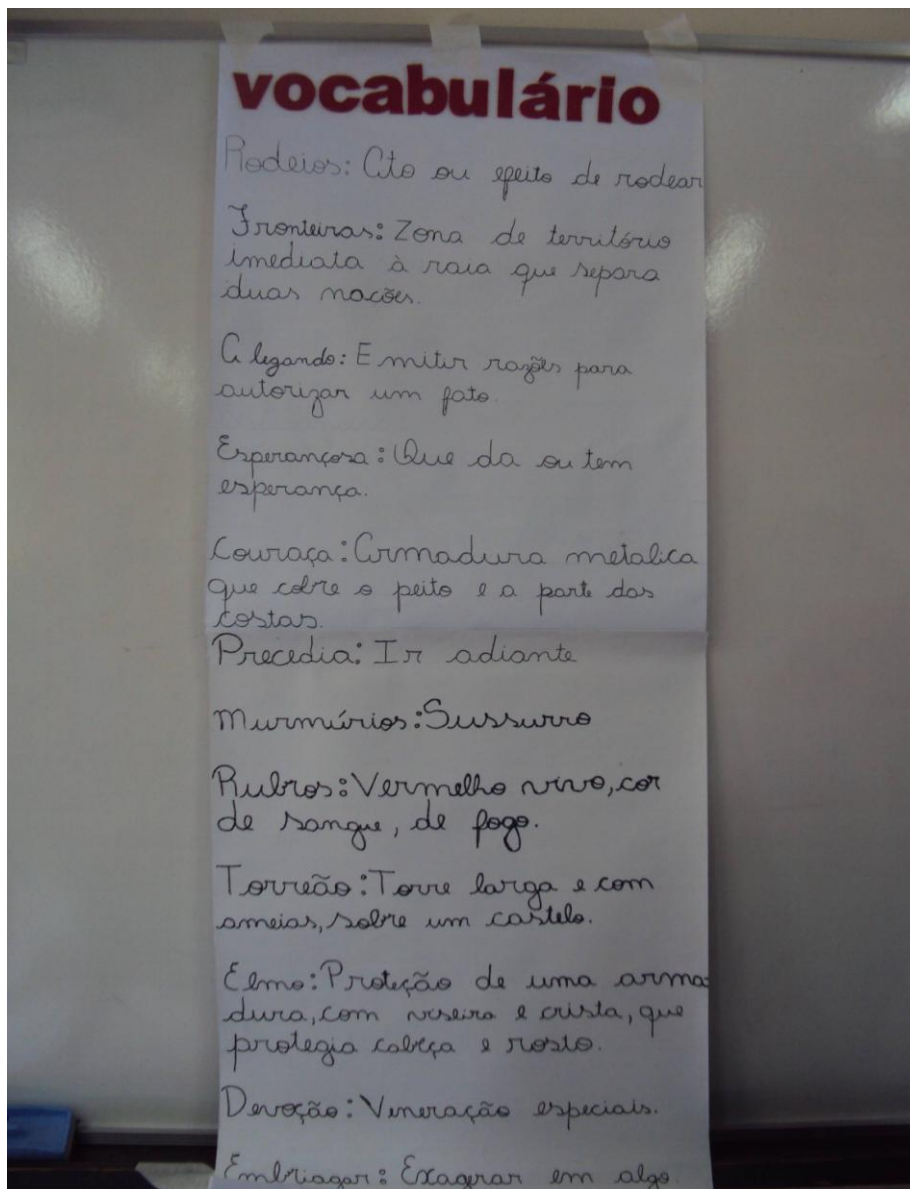
ANEXO 11



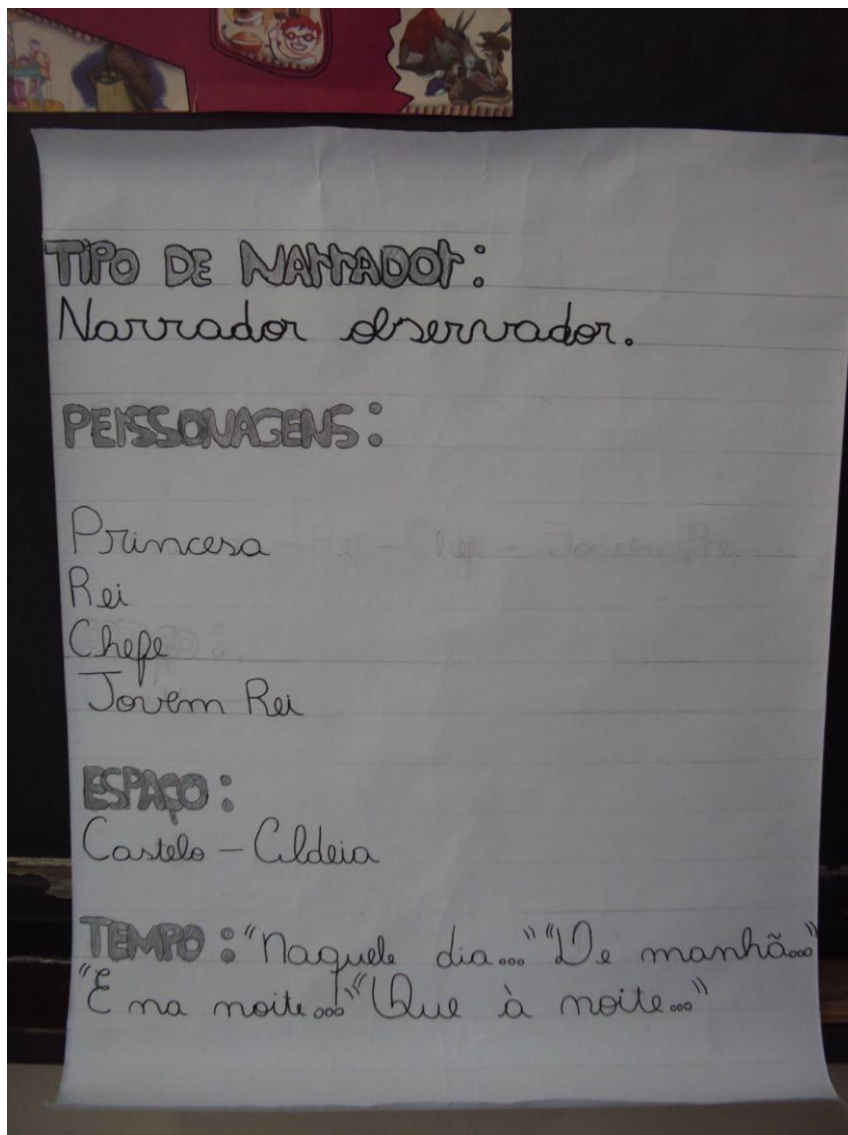
ANEXO 12



ANEXO 13



ANEXO 14



ANEXO 15

Questionário

Qual seu nome completo? _____

Quantos anos você tem? _____

Em que dia, mês e ano você nasceu? _____

Você nasceu em que cidade? _____

Você mora em que cidade? _____

Qual o nome do bairro? _____

Possui irmãos? () sim () não quantos são? _____

Na sua casa moram quantas pessoas? _____

Você mora com quem? _____

Você vem à escola com que meio de transporte? _____

Quanto tempo demora pra você chegar à escola? _____

E à sua casa? _____

O que você gostaria de ser (profissão) quando crescer? _____

O que você gosta de fazer no recreio? _____

O que você gosta de fazer quando está em casa?

() brincar;

() praticar esportes;

() ler;

() adiantar algum trabalho;

() descansar;

() ver televisão;

() outra coisa o quê? _____

Você costuma pegar um livro para ler:

() por iniciativa própria;

() por indicação de alguém, um amigo, um professor, etc.;

() pelo título do livro;

() pela capa e figuras, ilustrações;

() quando o vê na biblioteca;

() só aqueles que a professora/escola pede pra ler;

Assinale abaixo o que você gosta de ler (pode ser mais de um):

() aventura

() romance

() história em quadrinho, tirinhas, gibis

() contos

() crônicas

() poesia, poemas

() revistas

() jornais

() textos na internet

() outros **quais?** _____

Você tem acesso à internet na sua casa? () sim () não

Você assiste televisão? () sim () não

O que você costuma assistir?

() programas esportivos (jogos, etc)

() telenovelas

() noticiários

() humorísticos

() desenhos

() filmes

() outros **o quê?** _____

Que tipo de música você gosta de ouvir?

() rock (nacional, internacional)

() sertanejo

() pop rock (nacional, internacional)

() samba

() pagode

() funk

() instrumental

() rap

() reggae

() eletrônica

() gospel

() sou eclético(a)

Liste 3 (três) bandas/conjuntos/duplas/grupos musicais que você mais gosta:

1. _____

2. _____

3. _____

Você já foi ao cinema? () sim () não

Quantas vezes?

() 1 vez

() 2 vezes

() 3 vezes

() 4 ou mais de 4 vezes

Qual o filme que você mais gostou de assistir? _____

Você assiste a filmes em casa? () sim () não

Hoje é dia _____ do mês de _____ do ano de 2013.

ANEXO 16



ANEXO 17



ANEXO 18



ANEXO 19

ANEXO 20

ANEXO 21

ANEXO 22

ANEXO 23**VERSÃO FINAL DAS PERGUNTAS ELABORADAS PELOS ALUNOS DA
TURMA 71⁴****Stefani dos Santos Moraes**

- Você escolheu os contos? - 3
 - Como você se inspirou em fazer o livro? - 3
 - Tem algum conto que você mais gostou do livro, ou todos são muito bons? – 3
 - Há quantos anos você escreve livros? – 1
 - Com quantos anos você começou a se interessar por livros? – 1
 - Você gosta de que tipo de livros? – 2
 - Você lia quando criança? – 1
 - Quantos anos você tem? - 1
-

Carlos Eduardo Pereira

- Em relação ao livro de português por que deixou o livro mais aberto para o conto? - 3
 - Quando pequena você tinha o sonho de ser escritora? - 1
 - Das histórias que escreveu qual gosta mais? - 3
-

Thais Caroline Rayzel Moreira

- De onde você tira criatividade para fazer os livros? - 3
 - Você começou a fazer os livros com quantos anos? - 1
-

Emanuelle Barbosa

- De onde surgiu a ideia de colocar estórias no livro? - 3

⁴ Os números contidos ao fim de cada pergunta informam a qual bloco (dos três blocos de perguntas propostos) esta questão se enquadra.

- Na sua opinião qual o ponto forte no seu livro? - 3
 - Como você escolheu os contos de seu livro? - 3
 - Como é a produção de seu livro? - 3
 - Como você escolheu sua profissão? - 1
 - Se você pudesse trocar algumas coisas no seu livro, o que você mudaria? – 3
 - Qual o primeiro livro que você escreveu? – 3
 - Qual seu autor favorito? – 2
 - Qual seu livro favorito? – 2
 - Ao pensar que milhões de pessoas leem seus livro qual a sensação? - 2
-

Guilherme da Silva Ribeiro

- Quantos anos você tem? - 1
 - Quantos filhos você tem? - 1
 - Você é casada? - 1
 - Onde você mora? - 1
 - Há quanto tempo você escreve? - 1
 - Quem estimulou você para ser leitora? - 1
 - Quem teve a decisão de vir nesta escola? - 1
 - Aonde você achou essas histórias lindas? - 3
-

Pamella Galliane

- Já escreveu alguma literatura juvenil? - 1
 - De onde veio a ideia de escrever um livro? - 1
 - Qual é a melhor coisa de ser escritora? - 2
 - Quem é seu autor(a) favorito? - 1
 - O que mais a ajuda a escrever? - 1
 - Tem facilidade para criar as atividades? - 3
-

Arthur Mezzomo Doria

- Você já pensou em traduzir seus livros e levá-los para o exterior? - 3

- Como você escolheu os contos e as histórias? - 3
 - Com quantos anos você começou a carreira? - 1
 - Quanto tempo você demora para terminar o livro do 7º ano? - 3
 - Em que escola você estudou? - 1
 - No que você se inspira? - 1
 - Você sempre sonhou em escrever? - 1
 - Os lugares que você viaja te dão inspiração? – 2
 - Quantos livros você já escreveu? – 3
 - Todas as histórias do livro são suas? – 3
 - Você já conheceu algum escritor famoso? - 2
-

Marina Oliveira da Luz

- Desde quando você escreve livros? - 1
 - Como você se sente sabendo que a maioria das escolas estão usando seu livro? - 3
 - Por que você escolheu ser escritora? - 1
-

Roger Andrade de Anselmo

- O que levou você a ser escritora? - 1
 - O que levou você a colocar essas histórias, contos, etc. nos livros? - 3
 - Quando criança você gostaria de ser escritora? – 1
 - Você teve inspiração de algo ou alguém para ser escritora? -1
-

Débora

- Há quanto tempo você escreve livros? - 1
 - É só de português ou você já escreveu outros? - 1
 - Quanto tempo você leva para escrever um livro? - 3
 - Quando você resolveu escrever livros? - 1
 - Você já quis ter outra profissão? - 1
 - De onde você tirou inspiração para escrever tantos livros? - 2
-

Gabriella de O. C. Coelho

- Você só faz livros de português? - 3
 - De onde surgiu a ideia de fazer livros, de ser escritora? - 1
 - Para você ser escritora você deve ter lido muito. Qual livro você gosta de ler ou já leu? - 2
 - Você gosta mais de ler ou de escrever? - 2
 - Quanto tempo você passa escrevendo livros? - 3
-

Enzo Mezzomo

- Os contos dentro do livro foi você mesma que fez? - 3
 - Você escreve há quantos anos? - 1
 - Quanto tempo demorou para o livro ser feito? - 3
 - Você gosta mais de qual gênero? - 2
 - De onde você tira as imagens? - 3
 - Você gosta da E.B.M. Beatriz de Souza Brito? - 2
 - Como você escolheu esta carreira? - 1
 - Quem te inspirou a seguir carreira? - 1
 - Quem te influenciou? - 1
-

Gustavo Almeida da Silva

- Você gosta da sua profissão? - 1
 - Você tem uma hora exata para fazer os livros e pensar nas coisas que você vai colocar no livro? - 3
-

Nicolas Alexandre O. Cardoso

- Há quanto tempo você escreve? - 1
 - Qual foi o seu maior orgulho? - 2
 - Se você pudesse mudar um conto qual seria? Por que? - 3
 - Com quantos anos você começou a escrever? - 1
-

Jackson

- Quanto tempo que você demorou para escrever o livro do 7º ano? - 3
-

Agata Cidade

Olá Terezinha, eu queria fazer algumas perguntas:

- Com quantos anos você começou a escrever? - 1
 - Em o que ou quem você se inspirou? - 2
 - Você tem quantos anos de escrita? Seus pais se orgulham? - 1
 - É prestigioso escrever para o Brasil? - 2
-

João Lucas

- Quando você começou a escrever? - 1
 - Você tem filhos? Quantos? - 1
 - Você já escreve há quanto tempo? - 1
 - Que prazer você tem de escrever? - 2
-

João Pedro Silva Araújo

- Há quanto tempo você escreve? - 1
-

Ágatha Sioffi Domingos

- Como você chegou a conclusão de escrever livros? - 2
 - Você é acostumada a ir nas escolas? Como você se sente quando vai? - 1
 - O que você sente quando está escrevendo os livros? - 2
 - Você se espelhou em alguém? - 2
-

Felipe Kessler

- Por que você escolheu essa carreira? - 1
- Por que você escolheu essa escola? - 1

- Há quantos anos você escreve? - 1
 - Como você se sente sabendo que seu livro é conhecido de norte a sul? - 2
-

Jessica Martins Sabino

- Como você escolhe as histórias para botar no livro? - 3
 - Há quantos anos você escreve livros? - 1
-

David Vidal

- Quantos anos você tem? - 1
 - Você gosta de escrever? - 2
 - Você gosta de ser professora? - 2
 - Como você começou a gostar de livros e leituras e escolher lindas músicas? - 2
-

Julia Mara Kmeer

- Você já começou escrevendo livros de gramática? - 2
 - Você teve inspiração em algo? - 2
 - Tem algum livro (de outra autora) favorito? - 2
 - Já se inspirou em algum filme? - 3
 - Se você não fosse escritora o que seria? - 1
 - Você era uma boa aluna na escola em português? - 1
-

Priscila Regina Nicolau Neves de Alselmo

- Como você fez o livro? levou quanto tempo? - 3
 - Você gosta de fazer esse trabalho? - 1
 - Há quantos anos você trabalha assim? - 1
 - Como você tem disposição para fazer tantos contos? - 3
-

Felipe Couto

- Há quanto tempo você escreve? - 1
- Você adora a profissão que você tem? - 1

- Se pudesse tirar algo do livro o que tiraria? - 3
-

Thamiris Pios Silva

- Você gosta de sua profissão? - 1
 - Você tem uma hora exata pra fazer os livros e pensar nas coisas que você vai colocar nos livros? – 3
 - Quantos anos você tem? – 1
 - Com quantos anos você começou com essa carreira? - 1
-

Maria Eduarda Feliz da Silva

- Quanto tempo você demora para elaborar o livro? - 3
 - Para escrever os livros precisou fazer algum teste? - 3
-

Vitor Henrique Debus de Oliveira

- Quanto tempo você demora para conseguir tantas histórias e perguntas nestes livros?
-

Izabela Ceccon Coelho

Bom dia, Terezinha!

Seja bem vinda a nossa escola.

- Se você pudesse mudar alguma coisa que passou ou está acontecendo no mundo qual seria? - 2
- Qual foi a motivação que você teve para escrever estes livros? - 2
- Qual a conclusão que seus livros trazem ao leitor? – 3
- Você mudaria alguma coisa na sua vida? – 2
- Desde criança você quis ser escritora? – 1
- Se você não fosse escritora o que seria? -1
- Se você pudesse o que mudaria de ruim para o bem no mundo? – 2
- Como você se sente diante de tantas perguntas? -2
- De onde vem sua inspiração para escrever? – 1
- Você só escreve livros escolares ou já escreveu outros? – 3

Jeniffer V. M. Machado

- Quanto tempo você leva para fazer os livros de português? – 3
 - Por que você seguiu essa carreira? – 1
 - Há quantos anos você escreve? – 1
-

Tainara dos Santos

- Quantos anos você tem? – 1
 - Há quantos anos você escreve livros? – 1
 - Se você não fosse escrever esse livro você seria o que? – 1
 - Você gosta de escrever? – 2
 - Você que canta esses cantos? – 3
 - Quando você era pequena você escrevia? Você lia? – 1
-

Ruan Pierre

- Com quantos anos a senhora fez o primeiro livro? - 1
 - Algum momento você se arrependeu da sua carreira? – 2
-

Douglas Santana

- Qual foi o primeiro nome de livro que você escreveu? - 3
 - Como você consegue poemas de tantos autores para colocar no livro? - 3
-

Ellen Cristina da Cunha

- Terezinha, por que você escolheu essa carreira para seguir profissão? – 1
- Sua família aprovou você quando disse que queria ser escritora? – 1

ANEXO 24



ANEXO 25



ANEXO 26



ANEXO 27

